

30º Encontro Anual da ANPOCS

24 a 28 de Outubro de 2006

GT 12- Migrações Internacionais

(Re) pensando a diáspora chinesa:

Fluxos globais e dinâmicas locais da imigração contemporânea¹.

Rosana Pinheiro-Machado²

¹ Agradeço à fundação Wenner Gren pela ajuda concedida à essa pesquisa.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS). E-mail: rosana.pinheiro@ufrgs.br

Palavras introdutórias

Nem parecia inverno no sul do Brasil, quando os termômetros marcavam 35 graus em pleno julho de 2006. As cataratas de Foz do Iguaçu estavam secas e os turistas frustrados. A Ponte da Amizade, que divide o Brasil e o Paraguai, já não estava tão lotada de comerciantes como outrora. Se alguém, que nunca tivesse visitado a fronteira antes, estivesse lá naquela época e visse a multidão que atravessava incessantemente de um país para outro, não conseguiria imaginar que tal multidão é quase nada se comparada à de tempos atrás... O esvaziamento, entretanto, não era fruto do clima atípico, mas de um processo social mais amplo que vem ocorrendo na fronteira nos últimos anos.

Eu estava retornado a mais uma temporada de trabalho de campo, encontrava-me ansiosa para atravessar a Ponte e rever Lily, minha principal informante, uma chinesa de Guangdong que mora no Paraguai e é proprietária de loja de bolsas, chapéus e miniaturas de perfumes *Dior*. Diante de todas as dificuldades que me deparei ao fazer trabalho de campo entre a comunidade chinesa na fronteira, Lily era uma luz no fim do túnel com sua disponibilidade para me receber. Atravessei a Ponte de *mototaxi* para chegar mais rápido a Ciudad del Este, no lado paraguaio. Já preparando o sorriso do reencontro, dirigi-me imediatamente à galeria onde era a sua loja, mas só encontrei o deprimente ambiente de luzes apagadas, pedaços de papelão espalhados e uma placa dizendo: ALUGA-SE.

Lily tinha fechado a sua loja no Paraguai e aberto uma menor em Foz do Iguaçu, no lado brasileiro da fronteira. A readaptação é fruto de uma conjuntura brasileira, e também internacional, de combate ao contrabando e à pirataria que se estabeleceu nos últimos anos, e que produz implicações diretas num contexto macro social, que é a diáspora chinesa da contemporaneidade. Ciudad del Este, de 250 mil habitantes, abriga uma comunidade de aproximadamente 9 a 10 mil imigrantes chineses³ – quase a metade do que existia no início do anos 90, auge do comércio fronteiriço, dos sacoleiros brasileiros e dos imigrantes que chegavam para abrir lojas e importar mercadorias da China.

Ciudad del Este, assim, já foi um dos maiores centros comerciais do mundo, no ramo de “pequenos bens *made in China*”. Em outras palavras, bugigangas: bolsas, tênis, perfumes, eletrônicos, informática, falsificações, acessórios para a casa. É ainda a segunda

maior saída de contrabando do mundo (para o Brasil) e considerada uma das quatro fronteiras internacionais mais “quentes”, devido às práticas ilícitas que nela se desenrolam. A violência e a ilegalidade crescem à medida que aumenta a fiscalização.

Comerciantes chineses e árabes, turistas e sacoleiros movimentam essa economia que, estima-se, chega a dois bilhões de dólares anuais. Apesar da decadência, ela ainda representa uma das maiores fontes de subsistência do Paraguai. Todavia, com pressão internacional e a fiscalização federal brasileira, esse comércio drasticamente anuncia seu fim, contabilizando uma queda de até 80% no lucro de muitos donos de lojas, fazendo com que muitos deles – a maioria composta por imigrantes – fechassem seus estabelecimentos.

Esses fatos acarretaram um reordenamento da imigração chinesa na América Latina. Assim como Lily, muitos comerciantes estão fechando suas lojas e encontrando novas possibilidades de vida. Abrir um negócio em Foz do Iguaçu é a solução mais imediata e menos drástica. São Paulo, México, Estados Unidos, Canadá, países da América Central, ou até mesmo o retorno à terra natal, também aparecem como alternativa aos imigrantes que deixam o Paraguai. Assim, nos dias de hoje, podemos observar um processo claro que incita novos fluxos e refluxos migratórios de dimensões internacionais.

Neste artigo, exploro uma faceta recente da diáspora chinesa – mas ainda pouco abordada pela literatura especializada – que foi impulsionada pela produção e comercialização de bens *made in China* em escala trans-pacífico-atlântica. Busco mostrar esse processo de ponta a ponta através de uma etnografia multissituada, na qual acompanho redes de comerciantes chineses espalhadas pelo globo. Redes estas unidas pelo trabalho e, sobretudo, pelos laços de parentesco. Meu foco é a rota China-Paraguai-Brasil, que compreende, respectivamente, a terra de origem de meus informantes, o país onde estão e, enfim, para onde muitos estão se dirigindo. Além disso, faço uma breve reflexão crítica sobre a teoria da diáspora e a metodologia por mim utilizada para estudá-la.

Ao desenvolver uma etnografia translocal, sigo um caminho da diáspora e assim mostro a importância das redes e das relações de trocas (*guanxi*) para os imigrantes e para o próprio enriquecimento da economia da China que, embora explicada por análises econômicas contundentes ou fórmulas milagrosas de desenvolvimento, carecem de

³ Esse número leva em consideração os chineses que moram tanto no lado brasileiro da fronteira, em Foz do Iguaçu, quanto em Ciudad del Este. Todavia, praticamente todo esse contingente trabalha no lado paraguaio.

interpretações que levam em conta o papel, cotidiano e microscópico, dos imigrantes ultramares nesse processo.

“Antropologia da China”: teoria e método para pensar a diáspora

Desde longa data, a Antropologia da China tem sido um tema central nos principais centros de pesquisa do mundo. A tradição de uma ciência social, especialmente os estudos etnográficos, voltada para o exterior e o exótico, impulsionou muitos pesquisadores a irem à China, procurando desvendar a civilização oriental, suas culturas e transformações.

A tradição de estudos sobre a China em diversas universidades (fora do Brasil) consolidou-se ao longo do tempo através de um vasto repertório de publicações⁴. Na década de 30, os estudos clássicos de Marcel Granet, renomado pesquisador da Escola Sociológica Francesa, tornaram-se referência nessa área. Nos Estados Unidos, quase meio século depois, Maurice Freedman abre também um importante caminho, ao estudar as formas associativas, o parentesco e a reciprocidade em comunidades chinesas.

O que eu estou chamando, neste artigo, de Antropologia da China corresponde a um campo altamente vasto e diversificado. Compreende tudo aquilo que tem esse país como foco, desde etnografias realizadas dentro do território chinês, até as concernentes a populações ultramares. Um outro fator importante que contribuiu muito para o desenvolvimento dos estudos sobre a China é a presença de antropólogos de origem chinesa na Europa ou Estados Unidos, interessados em estudar, de certa forma, a sua própria condição. Além disso, a Antropologia *da* China feita *na* China, assim como o Brasil, caracteriza-se por uma ampla produção teórica e empírica voltada para si. Nesse contexto intelectual, a diáspora chinesa tem sido um dos temas mais discutidos, vistos e revistos.

Entre as décadas de 80 e 90, a China começou a produzir em larga escala as famosas bugigangas que dominaram o mercado mundial. A maioria das fábricas está localizada nas ilhas de Taiwan e Hong Kong, e no sul do Continente. Justamente em uma área voltada

⁴ Sem dúvidas, a formação de um campo como esse deve a inúmeros fatores, alguns bem pragmáticos, tais como os incentivos que os estudantes possuem de manter-se no exterior. A presença de centros e literatura especializadas, bem como a Língua Chinesa nas principais universidades européias e norte-americanas também servem de estímulo. Um quadro totalmente adverso ao Brasil que, além de ter se consolidado uma Antropologia muito voltada para as populações que vivem no país, dispõe de poucos recursos teóricos e financeiros que alicerce os estudos sobre a China.

para o mar, cuja tradição de comércio e pirataria marítima ultrapassa os séculos. É dessa localidade também o grande continente de populações emigrantes que, há séculos, tem partido da China, especialmente dos portos das províncias de Hainan, Guandong, Fujian e Zhejiang (Chan, 1995; Delaune, 1998).

Embora estejamos tratando de um processo bastante antigo, a explosão da imigração chinesa para todas as direções deu-se no século XIX especialmente em virtude da Guerra do Ópio (1840-1860), obtendo assim uma dimensão planetária, e não apenas concentrada nos países do sudeste asiático, que representa 80% da diáspora. Na continuidade histórica desse processo, os imigrantes de Ciudad del Este podem ser classificados como um contingente representativo das ondas recentes da diáspora que surgiram a partir da segunda metade do século XX, em direção aos chamados “países novos” e Europa. Esses grupos são, em geral, compostos por refugiados de guerra ou pessoas atingidas pela crise econômica vivida na China nos anos 70 (cf. Ma Mung, 2000; Trolliet, 2000).

A inauguração da Ponte da Amizade entre Brasil e Paraguai, em 1975, despontou como um horizonte propício à atividade comercial, já que havia um caminho aberto numa fronteira internacional. Alguns imigrantes que estavam em São Paulo dirigiram-se para Ciudad del Este, mas a maioria é fruto de um rumo direto vindo da China. Os taiwaneses são mais antigos na ocupação da fronteira (entre 70 e 80), em virtude das relações diplomáticas estabelecidas entre Taiwan e Paraguai. Com as mudanças no regime comunista chinês e o aumento das indústrias de bugigangas e falsificações, nos anos 80 e 90, começaram a chegar pessoas oriundas da República Popular da China: de Hong Kong e Beijing e Macao. Entretanto, ao lado dos taiwaneses, a presença continental que se destaca em Ciudad del Este quantitativamente é a vinda da província de Guandong.

Se muitas comunidades de imigração chinesa são consideradas heterogêneas por não seguirem um único padrão geográfico, dialetal ou étnico – em Singapura, por exemplo, há uma predominância das províncias de Fujian e Guandong, totalizando oito dialetos (Chan, 1995) – em Ciudad del Este, as manifestações culturais são bem mais díspares, pois reúne pessoas de longínquas regiões, diversificando muitos dialetos, costumes, posições religiosas e políticas. Por outro lado, talvez em nenhuma outra comunidade chinesa haja tamanha homogeneidade no que concerne às práticas de trabalho desenvolvidas. Os chineses de Ciudad del Este vivem exclusivamente para o comércio. Aliás, segundo Troillet

(2000) e MaMung (2000), que analisaram profundamente a diáspora, uma das suas principais marcas na atualidade é o desenvolvimento do pequeno comércio, onde as esferas da casa, do lazer e da loja se confundem. De fato, as práticas comerciais tem sido uma das maiores características da diáspora chinesa. Na fronteira, praticamente todos os chineses não só trabalham em lojas, mas também vendem o mesmo tipo de mercadoria. E nessa atividade muitos tiveram sucesso, alguns fizeram fortuna.

Apesar de escutarmos, a todo o momento, a Língua Chinesa por Ciudad del Este e, muitas vezes, termos a impressão de estar na China, ao ver até placas de trânsito em Mandarim, não é possível classificar essa cidade como *Chinatown* – o modelo clássico de ocupação urbana da imigração chinesa. Afinal, os chineses estão espalhados por toda a cidade, não apenas restritos em um único bairro. Além disso, ainda têm que dividir o mesmo espaço com árabes e paraguaios. A vasta produção teórica existente sobre *Chinowns*, mostra-nos o quanto elas são importantes para compreender a diáspora, ao recriarem a sociedade e a cultura chinesa sob o ponto de vista dos grupos migrantes (ver, por exemplo, Lin, 1992; Live, 1992; Rath, 2006; Waldinger e Tseng, 1992; entre muitos outros). Em geral, elas se caracterizam por serem antigas (desde o século XIX), agregarem várias gerações e uma população que trabalha em diversos ramos de negócios e comércio.

Eis as peculiaridades de Ciudad del Este: também no que diz respeito ao aspecto geracional, há uma paridade muito grande. A maioria é composta por casais da primeira geração que possuem entre 40 e 50 anos de idade, e os seus filhos adolescentes ou jovens. Como dito acima, lá encontramos sempre o mesmo tipo de loja e mercadorias. Não há diversificação profissional, sequer lojas ou restaurantes de produtos chineses para turistas, como há nas *Chinowns* de Nova York, São Francisco ou Paris, por exemplo. Os poucos restaurantes que lá existem são para servir a comunidade, possuindo uma ambiência nada acolhedora aos turistas. Toda a imigração, portanto, gira em torno da comercialização de bugigangas e falsificações.

Esse tipo de comércio também costuma estar presente nas *Chinowns*, mas nelas não se desenvolve de forma hegemônica como em Ciudad del Este. A *Canal Street* em Nova York, por exemplo, é um dos centros chineses mais famosos do mundo no comércio de imitações de marcas globais. Sob o ponto de vista da política econômica internacional, essa atividade - responsável pela economia da diáspora em diversas partes do mundo - é

altamente controlada, vigiada e combatida. Hoje o mercado de falsificações corresponde a até 10% do dinheiro que gira no comércio mundial (Naím, 2006). Não sustenta, portanto, apenas os imigrantes e o país de origem, mas também redes de trabalho no mundo inteiro. No entanto, ao mesmo tempo em que os estudos sobre a China constituem um campo vasto, esse crucial impulso da diáspora atual ainda não foi amplamente discutido, talvez por ser uma manifestação social ainda bastante recente.

As implicações - em âmbito político, econômico e social em dimensões planetárias - provocadas por esse tipo de comércio são ainda incalculáveis. No aspecto concernente à diáspora, estimulou centenas de milhares de pessoas a emigrarem da China e se alastrarem mundo afora até mesmo em locais jamais ocupados anteriormente por chineses. Mudou, também, a cara das antigas *Chinatowns* e demais metrópoles com importante sino-presença. Esses fatos, certamente, influenciarão no próprio campo de estudos sobre a China, que terá que lidar com essa nova variável, pensando a respeito das transformações sociais acarretadas por tal faceta da diáspora.

Atualmente, o controle aduaneiro na fronteira tem causado transformações viscerais no quadro da imigração, fazendo com que grande parte dos chineses vá para outros países. Existe um discurso geral entre os informantes resumido na seguinte frase: Ciudad del Este acabou! Uma imigração que já foi tão relevante qualitativa e quantitativamente corre o risco de se tornar residual. O contingente que deixa a fronteira vai causando reordenações em outros lugares e, assim, a cadeia interligada da diáspora vai se transformando.

O que eu quero dizer com isso é que a presença chinesa na fronteira faz parte de um todo mais amplo e interconectado. Quando se mexe numa peça do sistema, o efeito é reverberante. Entender a dinâmica social de Ciudad del Este pode ser uma chave para compreender as mudanças que ocorrerão em muitas cidades e países que, pouco a pouco, recebem novos grupos de imigrantes que deixam o Paraguai. Não se trata, portanto, de uma etnografia que visa apenas a descrição e o registro das relações locais que ocorrem em um país da América do Sul⁵, mas de uma busca pelos caminhos, as motivações, o ponto de chegada e o ponto de saída de um movimento de migração internacional.

⁵ Conforme pude constatar em meu levantamento bibliográfico inicial, a produção sobre chineses na América do Sul é pequena. Isso se torna problemático quando lemos uma das principais referências sobre o tema – *La diaspora chinoise*, de Pierre Trollet – e, em suas diversas estatísticas, poucos dos seus países são

Etnografar esse processo exige uma pesquisa também dinâmica ou, nos termos de Marcus (1995), multissituada, que leve em conta a dimensão comparativa. Nesse aspecto, as dificuldades são enormes, num desafio contínuo de, ao mesmo tempo, reunir dados sobre a presença chinesa na fronteira e o comércio de falsificações (a fim de enriquecer o debate sobre os novos rumos da diáspora a partir da imigração na América do Sul), e apreender a dimensão global de um processo que não se finda em Ciudad del Este.

Para tanto, a pesquisa empírica foi dividida em três locais e etapas. O ponto aglutinador é Ciudad del Este: foi vivendo lá que formei uma rede de informantes. A partir desses sujeitos, passei a seguir seus rumos, motivações e objetivos futuros. Busquei seus contatos mantidos na China ou noutro país. Isso me permitiu fazer uma etnografia de dimensões transnacionais, sem perder o foco no ator social e nas micro-relações cotidianas. Assim, a junção do local e do global acontece a partir dos próprios sujeitos estudados, suas redes de parentesco e comércio.

A etnografia em Ciudad del Este – onde meus informantes estão vivendo no momento - ocorreu entre o final de 2005 e o primeiro semestre de 2006. Guandong e Hong Kong, locais onde justamente concentram-se as fábricas de produtos falsificados, é a terra natal de muito deles. É lá que durante oito meses estarei fazendo trabalho de campo, não apenas conhecendo o processo de trabalho de montagem e comercialização, mas também contatando, na medida do possível, os parentes e fornecedores dos chineses da fronteira. A última etapa acontece em São Paulo, lugar para o qual muitos informantes estão se dirigindo pós-crise fronteiriça. Todo esse percurso me permitirá acompanhar essa importante onda da diáspora, movida pelo comércio ilegal de bens falsificados.

Por fim, a tentativa de alcançar uma dimensão global faz com que a possibilidade de se perder a dimensão microscópica seja muito grande. Existe o risco de, ao estar em todos os lugares, não estar realmente em nenhum. A fala do macro pode acabar em um discurso vago não palpável em relações sociais concretas. Para não cair nessa cilada, além de seguir redes dos informantes, tenho procurado fazer em cada local visitado uma etnografia contínua e sistemática, como se aquele lugar fosse o único por mim visitado. Esse artigo, então, tem seu foco nas relações sociais de Ciudad del Este.

contabilizados, como se a presença chinesa fosse insignificante. Isso se deve, em parte, aos poucos estudos sobre China existentes nesses países.

Um verdadeiro “Negócio da China”:

Globalização e redes translocais de economia chinesa

Notoriamente, a China é hoje detentora de uma das maiores economias mundiais. A diáspora tem grande importância nesse processo, ao interligar redes de mercado e parentesco espalhadas mundo afora. Apesar de toda a heterogeneidade da população chinesa ultramar, com suas diferentes noções de pertencimento em relação à China, em geral, existe uma razão predominante, que prima pelo centramento na terra natal, atuando como uma espécie de direção que orienta o campo de visão dos sujeitos.

Em diversos estudos sobre China, essas redes, baseadas numa lógica pessoal de favores com a expectativa de retorno, são chamadas de *Guanxi* (ver Chan, 2000; Yan, 1996; Yang, 1994).

Few would disagree that *guanxi* is a complex yet centrally important concept for understanding interpersonal relations in China. In common usage, *guanxi* can be translated into English as relations, relationship, significance, or affecting. However, it is also widely regarded as a social phenomenon, which has been called “personal connections”, “social networks”, or “particularistic ties” (Yan, 1996: 74).

Guanxi means literally “a relationship” between objects, forces or person. When it is used to refer to relationship between people, not only can it be applied to husband-wife, kinship, and friend relations, it can also have the sense of “social connections”, dyadic relationships that are based implicitly on mutual interest and benefit (Yang, 1994: 01).

As *guanxi* se assemelham ao princípio da dádiva maussiniana e também, no caso das redes aqui analisadas, à lógica da translocalidade apontada por Sahlins (1997), que constitui comunidades multilocais de dimensões globais que representam uma mesma totalidade sociocultural. As redes são mantidas, apesar da distância, por laços de parentesco, patriotismo, reciprocidade e cooperação de crédito.

Quando Sahlins reuniu diversas etnografias para desenvolver seu argumento de que a imigração internacional constituía uma estratégia de enriquecimento, mas, sobretudo, de fortalecimento da cultura, ele mostrava o caso de pequenos e pobres grupos étnicos que não foram aniquilados pela globalização, muito pelo contrário. O caso chinês é paradigmático,

pois o princípio das redes transnacionais é muito semelhante ao analisado pelo autor, todavia com a peculiaridade de, com esse recurso, ajudar a formar uma das nações mais ricas e poderosas da atualidade.

Como pude observar em campo, as redes são fortificadas o tempo inteiro através de inúmeras manobras. No âmbito econômico, são vendidos produtos globalizados, mas fabricados e importados da China, preferencialmente de parentes e ou amigos. Além disso, os imigrantes realizam muito poucos investimentos financeiros em Ciudad del Este. A venda homogeneizante de grande quantidade de produtos de massa a preço muito baixo reduz a concorrência e, ao mesmo tempo, dificulta que alguém externo às redes sociais consiga entrar nesse sistema de informação e mercado. No interior das famílias, existe um fluxo constante de dinheiro, seja para trazer um parente para o lugar onde se está, seja para ajudá-lo ou visitá-lo.

Na cidade para o qual se imigrou, no caso Ciudad del Este, a comunidade esforça-se para manter-se autocentrada, e o maior exemplo disso é a evitação de relações próximas com estrangeiros: brasileiros, paraguaios e árabes. O nível do isolacionismo pode ser medido através de uma comparação com a comunidade sírio-libanesa. Por mais que esse contingente esforce-se para dar continuidade a sua cultura em diversos níveis da vida social, eles estão totalmente integrados na sociabilidade local da fronteira. No entanto, chineses que possuem relação próxima com não-chineses são raros.

Esse fato teve influência direta em meu trabalho de campo. Como brasileira, mulher e jovem, era desafiada o tempo inteiro. Minhas intenções eram no mínimo duvidosas, já que a presença da máfia⁶ é um fato concreto na fronteira e sempre investigado. Além de meus informantes serem agentes centrais do contrabando que ocorre entre China-Paraguai-Brasil. Junto com isso, havia uma atitude convencional, de raízes culturais, de evitação e desprezo por qualquer estrangeiro. Durante muito tempo, portanto, disse que meu trabalho era uma *etnografia do silêncio e do não*. Não adiantava nem tentar falar Mandarim, pois isso servia como um prato cheio àqueles que estavam prontos para debochar de minha modesta pronúncia. Na realidade, eu estava fora das redes de troca pessoais, não participando, portanto, de um círculo de confiança. Posteriormente, o fato de eu ter visitado

⁶ Existe uma máfia chinesa que atua internacionalmente, oferecendo proteção aos emigrantes e obrigando que eles paguem por esse serviço.

a China colocou-me em um outro patamar, de confiança e autoridade acrescida entre a comunidade. Eu tinha conseguido um feito que muitos deles não conseguiam mais: logo, era digna de respeito.

A evitação do estrangeiro é apenas uma estratégia, entre tantas, de uma vida orientada para a China, mesmo que essa China seja vivida e compreendida diferentemente para cada um dos informantes – um lugar de liberdade, prosperidade, pobreza, repressão, comunismo, budismo, sul, norte, ilha... Uma cena observada no interior do estabelecimento do Sr. Li, um cantonês de 45 anos, chamou-me atenção para tal horizonte chinês que norteia o campo de visão dos imigrantes.

A loja dele, que se chama Ferrari (em menção à famosa marca) estava lotada de clientes. Ao lado das mercadorias - relógios Gucci, Guess, Rolex, Boss -, símbolos do consumo capitalista global, havia uma televisão ligada para a qual Sr. Li olhava fixamente, sem piscar. Ele pouco falava comigo, mas subitamente, tocou no meu braço e, com um leve sorriso de satisfação, disse-me: *veja, aquele é Mao, no dia em que ele libertou a China...*

A comunidade chinesa de Ciudad del Este parece ser apenas um meio qualquer onde se pratica o Chinês, onde se estuda, alimenta-se, realizam-se trocas entre compatriotas e, assim, mantém-se ligado ao universo de origem. Mas não há apego a essa comunidade. Todos os informantes demonstram um total desprezo pelas pessoas que a compõem e também pela cidade em si. O que vale, entretanto, é a família. É nela que a confiança e a amizade emergem como valores perenes. A proximidade física não entra em questão.

Os imigrantes têm parentes não só na China, mas em diversos países. A realidade local dos imigrantes é importante, evidentemente, mas longe de ser uma dimensão chave para compreender a realidade social que está por trás da engrenagem que os movem. Se o valor primordial é a família, e ela está espalhada, a transnacionalidade passa a ser uma categoria importante para compreender o que une esses sujeitos. Porém, no ensejo dos apontamentos de Smith (1999), transnacionalidade está longe de corresponder a qualquer processo de desterritorialização, visto que, como tenho ressaltado, a China aparece como um elemento que costura, dá sentido e funcionalidade às redes familiares. Por isso, a noção de translocalidade é tão central, pois possui um significado ainda mais específico que

transnacionalidade, ao nos remeter a uma dimensão local que pode ocorrer, simultaneamente, em diversos espaços do globo.

As trocas comerciais entre os membros da família, na China, nos Estados Unidos, no Brasil, México, Canadá ou Brasil, são muitas vezes pequenas, mas realizadas entre milhares de redes, somando uma economia talvez incalculável. São pessoas comuns que, com seu trabalho árduo diário e invisível, constroem uma importante faceta da globalização contemporânea. Uma mundialização singular, sem dúvidas; que não ocorre numa direção única e linear “centro-periferia” (conforme entendida por Wallerstein, 1999), tampouco caminha nas amarras da legalidade e da hegemonia capitalista.

Seguindo uma linha ampla da Antropologia da Globalização (ver Featherstone, 1999; Ina & Rosaldo, 2005), que não enxerga a expansão do capitalismo ocidental como um processo de mão única, este artigo mostra a inserção atuante da China (ou melhor, de determinados grupos de chineses) nesse cenário mundial de comercialização de pequenos bens, bugigangas ou falsificações. E isso, no meu ponto de vista, constitui uma força poderosa e bem-sucedida do mundo atual. Como salienta Ong, os países asiáticos assimilaram de diferentes maneiras o capitalismo, reconfigurando-se no nível comunitário ou transnacional. Ao contrário do desaparecimento das culturas “não-ocidentais”, os países asiáticos como a China estão se ajustando através de diversos e complexos caminhos ao processo global, criando suas próprias modernidades (1999: 240).

Não estamos tratando, portanto, de vítimas passivas, dominadas ou destruídas pela cultura capitalista ocidental (Wolf, 1982), mas de atores sociais que, não só usam a globalização como um meio de fortalecer seus valores e cultura, mas também conseguem estremecer uma ordem de poder instaurada no mundo contemporâneo. Ribeiro, analisando justamente o mercado fronteiro aqui estudado, considera-o uma forma de “globalização não hegemônica”:

“Its agents install some kind of radical alternative to the prevailing order. (...) Non-hegemonic economic globalization is a huge universe that does involve illegal activities, such as human and organ smuggling, that need to be repressed” (2006: 19).

A pirataria, as falsificações e demais bugigangas produzidas na China é hoje um mercado gigantesco, que invade fronteiras nacionais e se alastra em diversos setores da

economia. E isso, como sabemos, faz com que grandes multinacionais tenham que se reestruturar e achar um lugar ao sol frente a essa nova força. Se muitas realidades locais conseguiram manter e até fortalecer sua cultura frente às forças globais do capitalismo ocidental, acredito que foi somente a China, mais especificadamente, a fabricação de pirataria e todo o mercado que ela envolve, que conseguiu se impor como uma força econômica paralela e ameaçadora, que abrange desde o sistema de produção asiático até o consumo de massa em escala planetária. E isso é feito através de redes complexas e multifacetadas que, ao mesmo tempo em que se apropriam da lógica de mercado e dos símbolos capitalistas, impõem seu ritmo e sua lógica simbólica de trabalho e cooperação.

Muitos autores que se debruçam sobre globalização e transnacionalismo têm ressaltado a importância de entendermos tais categorias sob o ponto de vista dos deslocamentos e meios comunicacionais do ator/agente social que, na prática, vive, cria, transforma e encontra alternativas em tal processo - nem sempre nos caminhos legais (Hannerz, 1999; MacGaffey, 2000). Ou seja, como um macro sistema pode ser apreendido pela prática cotidiana. Nesse trabalho, os imigrantes são os atores de uma apropriação singular dos fluxos promovidos pela globalização, através de seu trabalho, seus sistemas de informação e proteção, suas redes e seus circuitos de bens e pessoas.

Enfim, os chineses de Ciudad del Este são uma parte interligada a tantas outras espalhadas ultramar. Eles não almejam um ideal cosmopolita, ao contrário, intensificam seus vínculos com o país de origem (culturais e econômicos), reproduzindo aquilo que poderíamos chamar de uma ordem cosmológica chinesa. A continuidade desse artigo são ilustrações etnográficas para tal argumento.

Mao ou Buda:

Comunidade, família e recriação da sociedade chinesa

Durante a realização da primeira etapa do trabalho de campo, em Ciudad del Este, tive que negociar com as fortes diferenças existentes entre mim e o grupo estudado. Não eram, todavia, fronteiras apenas de classe, geração, linguagem e etnia. Havia um limite quase intransponível de visão de mundo, principalmente no que diz respeito à noção de

tempo, ao ritmo da vida, ao passo do diálogo. Trata-se de uma *cosmologia chinesa* que, apesar da carga estereotipada, generalista que essa noção pode trazer, significa, nada mais nada menos, do que uma forma de encarar o mundo, baseada na experiência cultural e na apreensão de um conhecimento (representações e práticas) acumulado ao longo de uma civilização milenar⁷.

Como já citei, os chineses de Ciudad Del Este caracterizam-se por uma diversidade imensa no que concerne à origem étnica, à linguagem, à visão política e religiosa. Por outro lado, há um reconhecimento geral nativo de que todos compartilham a mesma cultura e isso deve ser um princípio mediador dos conflitos, estabelecendo uma ordem harmônica no convívio social.

A idéia é bastante complexa, pois se deve discernir o nível da prática vivida da discursiva. Ao mesmo tempo em que existe uma fala onipresente entre os informantes que valoriza os iguais, em outros momentos parece haver um desprezo imenso em relação à comunidade. Sr. Kin, por exemplo, proprietário de um dos mais importantes shoppings da cidade, falou-me que fugia dos eventos sociais com os compatriotas, pois não suportava as *fofocas*, a *malícia* e a *inveja* dos chineses (palavras por ele citadas). Sr. Chuen, um militante apaixonado pela causa taiwanesa separatista, sempre diz que os continentais não são pessoas confiáveis. Opinião compartilhada pelo Sr. Liu, vendedor de brinquedos e professor de Mandarim, quando afirma que a prática de pirataria só ocorre entre os “comunistas”. Chen, redator do jornal chinês da cidade, em conversa, disse-me que se um compatriota vê outro passando dificuldade, vai ficar parado dando risada, esperando ele falir.

Esses exemplos são apenas uma pequena amostra de tudo que já me foi relatado. Em contrapartida, também é comum a fala que valoriza a preeminência dos chineses e esta, evidentemente, desponta frente ao contato com o estrangeiro. Assim, as formas identitárias mais amplas, étnica ou nacional, não necessariamente se traduzem em um sentimento de comunidade. Em outras palavras, o discurso nativo de que todos chineses possuem superioridade étnica não é elemento suficiente para que o vizinho compatriota seja considerado um amigo, tolerado ou sequer digno de confiança.

⁷ Essa forma de ser, estar e pensar o universo, Granet (2004) conceituou de Sabedoria Chinesa. Noção esta que foi deixada de lado nos estudos sobre a China graças ao essencialismo que ela evoca.

Estamos, pois, no terreno das identidades relacionais. Nada há de novo nisso: uma fala articulada que valoriza os iguais frente ao estrangeiro, e um universo cotidiano no qual sujeitos se digladiam na disputa comercial e na sociabilidade diária. O interessante nesse caso é que ainda assim podemos falar em uma comunidade autocentrada, na qual as pessoas vivem orientadas para a cultura, a economia e a filosofia chinesa.

Em Ciudad Del Este, há quatro escolas de ensino fundamental e médio, onde as crianças e jovens estudam, em língua chinesa, todas as disciplinas básicas. Numa delas, 250 alunos estão matriculados. Os imigrantes assistem sempre um dos três canais chineses existentes a cabo: do Partido Comunista, de Taiwan ou da religião budista. Locadoras de DVD, lojas de iguarias, salões de beleza e restaurantes chineses funcionam para atender a comunidade. Paraguaios, brasileiros ou demais turistas não são bem-vindos nestes locais. Essa atmosfera propicia pouco (ou quase nenhum) contato intercultural para além do circuito da loja.

Trata-se de uma postura de clausura vivenciada pelos informantes. O extremo de tal condição pode ser ilustrado através do fato de que a grande maioria dos imigrantes não domina as línguas locais, português e espanhol, mesmo depois de 20 anos de imigração. Nem as professoras das escolas supracitadas sabem falar espanhol. Elas são, em geral, mulheres dos comerciantes e não detêm formação profissional na área de educação. Dão aula por considerarem que alguém deve desempenhar esse papel na comunidade. Os imigrantes sabem, entretanto, a linguagem do comércio, que os possibilita falar com seus empregados paraguaios e clientes brasileiros.

Todavia, a clausura não é apenas fruto do desejo da preservação da cultura, mas também está alicerçada na condição de ilegalidade e do medo da máfia que atua em Ciudad del Este. Junto com a razão simbólica, faz-se necessário reconhecer as razões pragmáticas: a cidade paraguaia oferece poucas opções de lazer para os imigrantes, que ainda reclamam de estarem a mercê da população nativa, sendo frequentemente vítimas de assaltos ao saírem na rua durante a noite. A condição ilegal de alguns imigrantes faz com que estes tenham poucas condições de reivindicar segurança pública. Além disso, existe uma máfia chinesa que atua no Paraguai, sendo esta responsável por alguns assassinatos que ocorreram na cidade, o que vai agravando o estado do medo vivido pelos informantes. O autocentramento é, portanto, um mecanismo de proteção em sentido amplo.

Após minha ida à China, no início de 2006, voltei com a idéia de que “Ciudad Del Este é mais chinesa do que a própria China”. Desmoronaram-se estereótipos e idealizações, visto que eu tinha sido apresentada a um mundo chinês através da vida cotidiana da fronteira, onde os imigrantes, longe da terra natal, exasperam os traços diacríticos de sua cultura, re-criando, aos seus olhos, uma sociedade chinesa. A imagem ideal que eu carregava dos chineses fortalecia-se durante nossas conversas, nas quais sempre recebia lições de como me comportar, como ter paciência e perspicácia para realizar meu trabalho. Parecia que todos os imigrantes traziam consigo toda a sabedoria de uma cultura milenar. Portavam-se como se fossem a fonte viva, guardiões do conhecimento confucionista.

Exemplificando, numa manhã em que estava com Sr. Wan, taiwanês dono de loja de brinquedos, pedi mais informações sobre assunto qualquer que estávamos desenvolvendo, mas minha ansiedade foi barrada pelo ritmo da interação de meu informante:

Calma, menina, não adianta querer saber tudo hoje. É que nem comer muita comida, vai encher a barriga e depois vomitar, porque não tem espaço para tudo e depois acaba a comida e fica com fome. Tem que ser aos poucos, cada dia come um pouquinho.

Comparações como essas, sempre vindas com a ajuda de um exemplo prático, eram-me sempre passadas. Típicas lições de vida e moral, como as consagradas por Confúcio⁸, que primam pela ordem e a paciência. Trata-se de uma forma de ser e estar no mundo bastante ligada à cultura chinesa e, especialmente, à mentalidade confucionista que até hoje tem grande eco na China. Independente da origem, da posição econômica, política ou religiosa dos imigrantes, predomina um espírito conciliador, harmônico e de paz. Todavia, essa postura ganhava uma dimensão ainda mais performática na minha frente, pois era acionada diante de uma estrangeira.

Para Granet, o espírito de conciliação é uma das principais características da cultura chinesa:

⁸ Famosa e antiga personalidade chinesa que se acredita ter vivido entre 551 a 479 antes de Cristo. Ele pregava a harmonia através de valores como unidade, moralidade, respeito a autoridade e importância das relações hierárquicas.

O gosto pela conciliação requer um agudo sentimento das conveniências atuais, das solidariedades espontâneas, das hierarquias livres. A lógica chinesa não é a lógica da subordinação, mas uma lógica flexível da hierarquia. A paz está na ordem do mundo e nas formas de associativismo (2004: 353 e 354).

Não é meu objetivo aqui cair numa interpretação culturalista, que promove uma meta narrativa homogeneizante sobre os chineses. Há de se voltar à experiência prática cotidiana, buscando entender onde, quando e por que esses princípios são acionados. Afinal, no início da etnografia, para mim, o discurso da moral e da ordem harmônica do mundo era conflitante com tantas manobras ilícitas pelos informantes realizadas: paga-se propina para os fiscais, compra-se a cidadania paraguaia, adquire-se carros roubados e sonega-se mais de 90% do imposto de importação, que já é ínfimo no Paraguai. Todas essas práticas são naturalizadas na vida cotidiana. Nas noções êmicas, o ilegal não é amoral.

Nas esferas da família e dos negócios, entretanto, é fundamental que haja estabilidade. Deve-se evitar os conflitos e cultivar a boa convivência social, mesmo que superficial, mantendo o quadro das relações pessoais saudável. Segundo Delaune (1998) e Granovetter (apud MaMung, 2000), o sucesso no comércio chinês deve-se às redes de favores entre iguais e à habilidade estrategista. A comunidade autocentrada, onde conflitos são evitados, gera um grau de confiança maior. O espírito conciliador está, sobretudo, na manutenção da paz familiar, que jamais deve ser quebrada. O trabalho em família faz com que informações circulem com mais rapidez e lealdade, as desavenças sejam mais facilmente contornadas e o lucro concentre-se na mesma unidade. Se as famílias caracterizam-se pela translocalidade, as redes de proteção ultrapassam a dimensão das relações sociais de Ciudad del Este e ganham ainda mais força, fazendo com que o combate a esse comércio torne-se mais escorregadio.

No escopo familiar, a idéia de harmonia, que significa estabilidade nas relações, fica bastante clara. Os jovens possuem clara consciência de que os pais dão o máximo de si para que não haja casamento interétnico, pois isso seria fonte conflitos na família: princípios e práticas seriam questionados. No entanto, a segunda geração quer, evidentemente, relacionar-se com o universo social onde cresceram. Paulo Li, um informante de 26 anos, falava-me que se sentia brasileiro, paraguaio e chinês ao mesmo tempo. Porém o namoro com uma brasileira foi fortemente evitado pela família, que o mandou de volta para Taiwan.

Foi a conversa com o Sr. Chen (o redator anteriormente citado), certamente, a mais paradigmática nesse sentido. Ele tem 32 anos, uma faixa etária rara na comunidade, e vivencia justamente todos os conflitos de valores geracionais entre a fase de transição da vida jovem à adulta. Comecei a conversa citando o caso de Paulo Li e ele, nervoso, acende um cigarro, balança a cabeça e diz-me:

São os calores da juventude, todos são assim, mas quando crescem descobrem o que é melhor para si. Casamento tem que ser com uma mulher chinesa, pois elas pensam como nós, nos dão suporte para crescer. Brasileiras e paraguaias são sanguessugas, imediatistas, levam qualquer homem à miséria.

Graças a uma feliz coincidência etnográfica, o telefone tocou naquele momento. Ele resmungava, fumava ainda mais e suava frio ao telefone. Desligou e começou a falar em tom de desabafo:

Era minha ex-mulher... Quer mais dinheiro...

Te digo uma coisa: todo o chinês que casa com uma paraguaia fica pobre. Eu não conheço nenhum que não tenho ficado, porque mulher paraguaia tira nosso dinheiro. Vocês, latinos, só pensam no hoje, no hoje. Saí da China pobre e juntei 20 mil dólares em pouco tempo aqui, até casar com uma paraguaia, que tomou todo meu dinheiro. Eu dava tudo para ela: perfumes, casa, carro, cremes, tudo de primeira linha. Tinha 60 pares de sapato e 30 blusas. Eu nunca comprei nada para mim só para ela e meu filho. Mas ela sempre queria mais e mais e mais, nunca estava satisfeita com o que tinha. Eu tinha que dar o dinheiro que ela pedia, porque era minha mulher, responsabilidade minha, não podia ter a mãe dos meus filhos queixando-se de mim para meu filho. Hoje eu não tenho nada e nenhum chinês que casou com mulher latina tem, porque vocês pensam só em ser feliz hoje porque são jovens, não pensam no dia da amanhã. Sabe por que as famílias não gostam que a gente case com estrangeiras? Porque sabem que isso faz a gente se desviar. Mulher latina é boa para se divertir, são fáceis e têm corpinho bonito, são alegres. Mas para casar não dá. Hoje eu quero uma mulher chinesa para casar e conseguir reestruturar minha vida e estar concentrado para juntar dinheiro para mim e para o estudo de meus filhos.

Esse depoimento, como nenhum outro, expressa uma visão de mundo muito particular e masculina. Os latino-americanos são imediatistas e os chineses persistentes. A mulher é fonte de uma tentação quase diabólica. Ela é fútil e “fácil”. Mesmo assim, ele continua alimentando a coleção de sapatos, celulares e cremes, pois acredita que possui um

vínculo inquebrável de responsabilidade com a família, no qual não deve apenas pagar o estudo do filho, mas também deixar a mulher satisfeita para que não reclame dele para o filho. Por fim, a mulher chinesa, com todas as suas virtudes, aparece como a fonte de segurança de uma vida estável.

Depois do casamento frustrado, o pai de Chen mandou dinheiro para que ele fosse se recuperar da tristeza em Taiwan. E novamente a comparação com os latino-americanos é acionada em contraste com a estabilidade da família chinesa:

Eu cheguei lá e não via meu pai há anos, mas eu sabia que podia contar, que lá eu teria ao acolhimento da burrada que fiz. Meu pai me olhou e não disse nada, me abraçou forte e eu sabia o que tudo aquilo significava. É diferente de vocês que ficam de conversinha, se abraçam toda hora, são cínicos. Mas depois dão um tapa pelas costas. A gente não precisa disso, naquele abraço estava todo o amor.

Não é raro, entretanto, homens adultos manterem relacionamentos extraconjugais com funcionárias jovens, brasileiras ou paraguaias. Na realidade, isso é quase uma regra. O casamento é que deve ser evitado. Circula o boato na fronteira de que Ling, conhecido em Foz do Iguaçu como “China da Motinho”, filho de um comerciante local abastado, foi deserdado pela família ao casar-se com uma brasileira. Disse-me, certa vez, que não se considerava mais chinês, e é curioso o fato de ter concorrido a deputado federal em 2006 com o slogan: *China: sou brasileiro e não desisto nunca*. Yeni, a única mulher chinesa que conheci que assumiu publicamente um relacionamento com um paraguaio, também compartilha o sentimento de não se sentir mais chinesa, ao afastar-se e ser afastada da comunidade.

A mulher chinesa tem uma responsabilidade imensa no que concerne à transmissão cultural: é ela quem educa, cozinha e ajuda na loja. Algumas delas possuem um poder imenso na relação conjugal e comercial. No cassino de Ciudad del Este, único local de sociabilidade para os chineses, elas dominam a cena, apostando milhares de dólares na roleta. Essa, porém, não é a realidade vivida pela maioria, que costuma calar-se ao ver seus maridos mantendo relações paralelas. Isso faz com que nasça uma solidariedade espontânea feminina, que evita e repudia a mulher estrangeira.

Dada todas essas situações, o contato interétnico acaba se caracterizando pela tensão e hostilidade. O choque de visões de mundo, calcado especialmente nas noções de tempo, torna tais relações dramáticas para todos os grupos envolvidos. Conforme mostra o trabalho de Ouyang (2002), esse tipo de conflito também ocorre no âmbito comercial entre franceses e chineses, pois cada parte envolvida possui sua própria “linguagem temporal”. Para os chineses, exatidão na pontualidade é uma obrigatoriedade. Uma atitude que foge desse padrão pode ser considerada ofensiva.

Todavia, não é o tempo cronológico a maior fonte de descompasso nas relações sociais de Ciudad del Este: é o tempo de vida, de se construir um projeto, de se usufruir um bem adquirido. Os imigrantes não utilizam qualquer atividade de lazer, abdicam de todos os prazeres lúdicos em nome de um futuro melhor para seus filhos (que, em geral, acreditam que vem através da educação). Tudo o que se ganha, através de uma jornada de trabalho extremamente longa e árdua, poupa-se pensando no tempo futuro. A lógica é prescritiva. A crença operante é que o único caminho para construir algo é o do “dia após dia”.

Por essas razões, para os chineses é bastante conflitante lidar com paraguaios e brasileiros que não necessariamente possuem a mesma relação com os usos do dinheiro e o ritmo de trabalho. No entanto, é interessante observar quando esses princípios temporais (e morais) são acionados. Um imigrante, ao ganhar algum dinheiro, raramente vai gastá-lo imediatamente em nome de algum prazer, e isso está arraigado a um sistema cultural profundo. Por outro lado, encurtar certos caminhos *a la jeitinho* é perfeitamente cabível, como, por exemplo, ao invés seguir a lenta burocracia dos Estados brasileiro e paraguaio, utilizar-se de alguma rede que consiga documentos falsos ou de maneira mais rápida. Não se trata de uma contradição do nível do discurso e da prática, por que ambas as formas de agir coexistem. Na realidade, existem dois códigos temporais e morais operando, cada qual acionado em distintas etapas da vida.

A relação diária entre paraguaios e chineses acaba se caracterizando por um conflito velado, mas que muitas vezes podemos observar nas situações mais ordinárias possíveis, como a vivenciada por mim, na pequena loja do Sr. Wan. Eu estava sentada entre ele e um humilde funcionário do governo paraguaio, que cobrava algumas taxas de regularização da loja.

Enquanto o paraguaio segurava documentos e notas fiscais, Sr. Wan falava-me:

Latinos, paraguaios são burros: ganham um dinheirinho e já enchem o carro de gasolina no final de semana e vai pra praia, depois não têm dinheiro para comer, chinês pensa no futuro. Latinos são maus, safados e egoístas. Te dão sorrisinho, dizem que são teus amigos, mas depois....

Ao falar-me essas palavras (a idéia de cinismo latino muito semelhante à apontada por Sr. Chen), Sr. Wan estava utilizando uma estratégia narrativa para dar uma mensagem ao paraguaio que desejava cobrar alguma conta. A mim, enquanto pesquisadora, só cabia ouvir e concordar com tudo que ele dizia. De certa forma, a minha concordância significava uma legitimação das suas idéias.

O paraguaio fingiu que não ouviu os insultos e, então, inesperadamente falou-me, com ar humilde: *Toma um dólar*. E eu, surpresa com a atitude, perguntei:

- *Mas por quê?*

- *Tu não és estudante?*

- *Sim, sou!*

- *Então! Estudantes são todos pobres! Toma esse dólar que tu vai precisar para tomar uma Coca-cola quando cansar deste calor da cidade. E assim tu sempre vai lembrar que um dia um paraguaio te ajudou.*

Ao negar a dádiva e agradecer-lo, salientando a gentileza e a solidariedade do gesto, eu estava, de forma indireta, respondendo as agressões que meu informante fazia aos paraguaios. Nenhum dos dois falou diretamente o que pensava, ambos dirigiram-se a mim para expressar que queriam dizer para o outro. Nesse episódio, fui mediadora de um conflito que ocorre nas entrelinhas, de forma não-pública e se arrasta ao longo dos anos.

A interação entre paraguaios e chineses é a mais complicada de todas, pois envolve a relação patrão-empregado e uma correlação assimétrica de poder. Se chineses falam pouco espanhol, não é raro ver um paraguaio dominando o mandarim. A maioria dos comerciantes possui funcionárias que trabalham há uma ou duas décadas para eles, constituindo-se ao mesmo tempo uma relação de lealdade e distanciamento. A população nativa necessita de forma vital dos empregos diretos oferecidos pelos imigrantes, bem como da cadeia indireta promovida pelo comércio. Os chineses (e árabes também) possuem o capital econômico, detendo melhores condições de vida do que os altos funcionários do governo paraguaio. Mas os nativos detêm seus mecanismos de resistência. A cobrança de propina dos policiais e oficiais do Estado, bem como os assaltos podem se encarados como

estratégias de ação dos “fracos” que, embora fracos, controlam certos instrumentos de força e poder do Estado.

No concernente às relações entre imigrantes chineses também existem diferenças significativas, especialmente entre taiwaneses e continentais. Os primeiros foram pioneiros no processo migratório, em virtude das relações diplomáticas existente entre Taiwan e Paraguai. Esse fator é decisivo, pois graças à cooperação bilateral, os taiwaneses têm direito à cidadania paraguaia. Esse estatuto legal se transforma em aparato moral, operando como elemento distintivo das relações hierárquicas entre taiwaneses e continentais. Os primeiros têm suas lojas regularizadas, bem como a condição de imigrante, os segundos têm de negociar, por vezes às escuras da lei, essa condição.

Em Ciudad del Este, os “rebeldes” (Taiwan é considerada a província rebelde pelo partido comunista chinês), portanto, são os continentais. As escolas, as festas e os sindicatos são sempre taiwaneses. Para que os imigrantes da Republica Popular da China participem da vida social da comunidade, deve-se passar, necessária e paradoxalmente, pelas esferas socializadoras taiwanesas. As crianças estudam o mandarim tradicional praticado em Taiwan, e não o simplificado, hoje adotado no território chinês. As festas são promovidas pelo Consulado da ilha e não é raro ver imigrantes da Republica Popular nas festas de “independência” de Taiwan.

Muitos taiwaneses, por possuírem maior poder na configuração local, acreditam que são mais “legais” que os continentais em diversas outras esferas. A mercadoria dos mesmos é considerada de melhor qualidade, embora tenha exatamente a mesma procedência. Para os imigrantes de Taiwan, os continentais são responsáveis pela pirataria:

Nós taiwaneses somos budistas e para nós a pirataria é roubo de dinheiro de outra pessoa, é cópia, não pode. Quem não tem religião não se importa com isso. Mao Tse Tung disse: não pode ter religião. Sem religião, pessoa não tem limite. (Sr. Liu, dono de loja de decoração)

Religião, origem e regularização são algumas das categorias que, no universo êmico, definem a qualidade de um bem. Assim, para além dos critérios objetivos que definem sua legitimidade, existe a dimensão subjetiva e as relações de poder, capaz de autenticar ou desautenticar uma mercadoria.

Todavia, estar numa posição mais confortável na hierarquia local não significa endossar os princípios separatistas da ilha. Fator este decisivo para que se mantenha uma convivência pacífica na comunidade. Ao passo que muitos taiwaneses ressaltam sua antiguidade, moralidade e legalidade, continentais ignoram existir qualquer diferença entre os dois grupos. Dizem, sempre, que todos compartilham uma mesma origem. Para eles, as diferenças são apenas políticas e não culturais. Postura essa que não deixa de ser uma estratégia de defesa, que deslegitima qualquer possibilidade de conflito e/ou inferioridade hierárquica.

Conflitos, *guanxi* e capital social: novos rumos da diáspora

Nos últimos anos, mais especificadamente a partir de 2002, o governo brasileiro declarou uma verdadeira guerra contra o contrabando que vem do Paraguai. Iniciou-se uma série de operações de controle, de proporções jamais realizadas nas fronteiras nacionais. O trabalho tem sido feito através de ações conjuntas e simultâneas entre a Receita Federal e as polícias federal, estadual e rodoviária. O monitoramento das fiscalizações conta com a ajuda de satélites, helicópteros, funcionários novos e um serviço de inteligência especializado. Além da construção milionária de uma nova aduana que vai entrar em funcionamento no lado brasileiro da Ponte da Amizade.

Essa política que visa acabar com o contrabando e também com a pirataria tem conseguido resultados surpreendentes, diminuindo o fluxo de comerciantes que vão ao Paraguai em busca de mercadorias. Todavia, o resultado de uma política governamental como essa que opera sem qualquer ação paralela no plano social é paradoxal: ao passo que cresce a obrigatoriedade da legalização, é justamente o setor informal que se fortalece. Isso ocorre porque o comércio fronteiriço durante duas décadas sustentou centenas de milhares de redes de trabalho: sacoleiros e laranjas (pessoas que passam as mercadorias em nome de outrem). Além do setor formal que se beneficiava do movimento, tais como transporte, restaurante e setor hoteleiro.

O mecanismo de controle que visa os fins e não a raiz da questão social do emprego acaba desestabilizando todo um sistema que, mesmo dentro de um quadro de ilicitude, funcionava de forma coerente e estruturada. Sabe-se, hoje, que a maioria dos *laranjas*, por

exemplo, não vão procurar empregos formais e se enquadrar numa lógica legalista. Ao contrário, os homens aliam-se a redes criminosas e as mulheres se prostituem. A violência tem crescido absurdamente em Foz do Iguaçu, as redes formais fecham suas portas gradativamente e, assim, agrava-se uma crise social sem precedentes na fronteira.

É preciso explicitar esse estado da arte para que possamos compreender o que está se constituindo como uma mola propulsora dos novos fluxos da imigração chinesa no Cone Sul e que vai ter impacto em diversos países do mundo. Segundo foi-me informado no consulado taiwanês de Ciudad Del Este, cerca de 50% dos chineses já abandonaram a fronteira e estão indo (ou retornando) a São Paulo, aumentando o comércio da famosa 25 de março. Cidades como Porto Alegre, cuja presença chinesa era ínfima, agora começa a receber, dia a dia, novos imigrantes.

Voltemos a Lily, a personagem apresentada na abertura desse artigo. Ela veio de uma família pobre que morava no interior da província de Guangdong. Enquanto mais de 90% da população chinesa se origina da etnia Han, Lily pertence a uma minoria étnica da China e seu dialeto é incompreensível fora de sua aldeia. O surgimento das fábricas de bugigangas em sua região fez com que se abrissem oportunidades de trabalho para muitas pessoas. Para ela, significou a chance de mudar de vida radicalmente, atravessar o mundo e vender o que seu país começava a produzir em abundância. A história de Lily é semelhante a de muitos chineses da fronteira, especialmente os vindos da Republica Popular da China: saiu clandestina do país, reuniu poucos trocados que tinha e com esse dinheiro pagou um grupo especializado em promover a imigração ilegal para o Paraguai. Desembarcou no Brasil e de carro chegou a Ciudad del Este. Lá foi fácil, aos poucos, pagar por sua “legalização”, com o oferecimento de propina a oficiais do estado paraguaio.

Ela comprou uma Van (o que é fácil e barato no Paraguai), um carro Toyota velho, alugou duas lojas e um depósito. Paga o aluguel da casa e duas mensalidades escolares de seus filhos. Os tempos áureos dos sacoleiros faziam com que ela importasse um contêiner por mês. Hoje, a mercadoria encalhada está no depósito para ser revendida aos comerciantes que resistiram. A loja no Paraguai fechou e apenas a de Foz do Iguaçu mantém-se aberta. Durante as noites em que eu costumava estar com ela, eram raros os fregueses que apareciam. E estes compravam no máximo cinco dólares. Ela montou uma

banca de sorvetes também, mas sua pouca habilidade no ramo fez com que tivesse também prejuízo.

Um dia, estávamos sentadas na rua e ela me pergunta: *Como é Porto Alegre?* Eu respondo que é uma cidade boa de se viver. Ela se interessa e diz, sem comprometimento algum, que vai para lá. Um mês depois, nós nos reencontramos e ela me diz, novamente, que vai para Porto Alegre. O discurso começou a ficar cada vez mais sério, perguntando-me preços de aluguéis e possibilidades de lucros. Se Lily vai ou não para Porto Alegre ainda é uma incógnita, mas a questão que deve ser analisada é que essa possibilidade é real para ela. O fator decisivo nessa decisão era justamente a relação que detinha comigo.

Ao contrário da grande maioria dos chineses de Ciudad del Este, Lily só tem parentes na China. Ela veio apenas com seu jovem marido e os dois filhos nasceram na fronteira. Eu era o seu contato mais próximo. Como o contingente de imigrantes estudados caracteriza-se por uma espécie de “cultura ultramar”, o sonho de retorno à terra natal não é cultivado. A ida à China só é desejada em duas situações: visitar parentes ou mandar os filhos estudarem a língua ou fazer curso superior. Além disso, as recentes transformações acontecidas em todas as áreas na China fazem com que muitos imigrantes tenham voltado à terra natal. As famílias ricas, de grandes importadores e fabricantes, têm condições de ir para os Estados Unidos, Canadá ou México, onde possuem negócios ou demais parentes. Toronto, por exemplo, tem recebido muitos comerciantes ricos de Ciudad Del Este, que no Canadá vão desenvolver o mesmo tipo de atividade. As famílias mais pobres, em situação adversa e com menos condições de se abrir para o mundo, têm apenas o Brasil como horizonte, pois é mais barato e a readaptação dos filhos (em termos de socialização e linguagem) é menos dramática.

Eu tive dois informantes bem-sucedidos e assim mantiveram-se apesar da fiscalização, pois seus produtos são consumidos por turistas e não por sacoleiros. Eles possuem lojas na fronteira, em São Paulo, no Canadá e fábricas na China. Vão de um país para outro com muita facilidade e possuem, para tanto, uma rede extensa de proteção que faz com que se alguém passe por dificuldade, um outro ajude; se a fiscalização aperte num local, estimula-se outro. Eu conheci apenas a geração jovem de uma dessa famílias, pois os pais, reais proprietários do comércio, pouco se abrem ao contato: figuras poderosas e de difícil acesso. A Sra Yan, outra informante, de origem hongkonesa, tem um filho que cuida

uma loja no Canadá, um outro no Paraguai e o marido está sempre viajando em busca das mercadorias. A vida dela é um trânsito constante entre esses países. Ela tem um sobrinho que também cuida da loja paraguaia e a família deste encontra-se em São Paulo.

O status de empresário, entretanto, está longe de ser regra no Paraguai. Embora a maioria dos informantes tenha parentes além mar, a condição financeira vivida por eles faz com que o contato presencial seja raro, inexistente por décadas, mas sempre viva a possibilidade de, caso as coisas andarem mal, contar com essas pessoas em necessidade de mudança ou auxílio financeiro.

O caso da Lily, com seus pais ainda morando na aldeia chinesa, faz com que a única possibilidade de mudança seja através de mim. Ela estabeleceu comigo o pacto diádico da *guanxi*: ela me ajudava, sabendo da alternativa futura de necessitar de um favor meu. Eis o mecanismo dessas redes: o meio através do qual ela optava por se mudar não era baseado num cálculo racional de lucros e danos ou condições de vida, mas na relação pessoal que ela detinha. E isso sim é o maior capital que os imigrantes possuem.

A mediação pessoalizada também ajuda na proteção comercial, ao formarem-se redes de sustentação que enfrentam a ordem do Estado, da legalidade e do mercado capitalista hegemônico. Assim, a coibição do comércio na fronteira faz apenas com que haja uma mudança espacial da atividade (onde migram pessoas e objetos), para onde haja melhores condições e facilidades, estas sempre vindas de um contato mantido e preservado.

A importação e o comércio, sempre com foco na China, são realizadas através de amigos ou parentes. Cabe salientar que as fábricas de falsificações na China, em geral, não são sociedades anônimas, mas centenas de fabriquetas familiares interligadas. O lucro de tal economia (que gira bilhões no mundo todo) é gerado no interior de famílias que fabricam, importam e vendem mercadorias. Trata-se de um processo distinto à lógica fria de cálculos capitalistas. É um mercado capitalista, evidentemente, mas muito próximo ao modelo de *acumulação primitiva de capital*. Em tal mercado, um *modus operandi* é imposto, e o mesmo atua através de estratégias culturais, como o ritmo de trabalho e a mediação pessoal. O capital social é, assim, o suporte das decisões, dos novos rumos e estratégias de vida.

Notas finais

No escopo das relações locais, a comunidade chinesa de Ciudad del Este é bastante fechada em si, na China e na cultura chinesa, embora não se reconheça enquanto unida e solidária. A vida cotidiana dos imigrantes caracteriza-se pela longa jornada de trabalho no interior da loja, na qual não há espaço para qualquer sociabilidade lúdica. O dinheiro é sempre poupado e investido na educação dos filhos, que, espera-se, junto com um(a) cônjuge compatriota, tenha um futuro seguro e melhor que o da geração que os precederam. O contato intercultural, com paraguaios ou brasileiros, é sempre tenso, mas pode ser negociado conforme a situação e os interesses em jogo: ao passo que se repele e condena certos valores e práticas “latinas”, é possível compactuar em uma série de aspectos, como na manutenção de relações extraconjugais, e na participação no amplo mercado ilegal de “facilitações” existente na fronteira.

A família emerge enquanto valor primordial e perene. Nela circula a produção, a venda e o dinheiro. Nela mantém-se um ideal (sempre singular) de China, de pátria mãe. Nela também nasce a solidariedade espontânea. As redes de parentesco encontram-se espalhadas ultramar. A distância física e temporal não diminui os pactos de reciprocidade, nem a proximidade simbólica. Está-se muito mais próximo a um parente na China a um empregado paraguaio.

Se a vida cultural é orientada para a China, mesmo que numa experiência de transnacionalidade, o sistema econômico obedece a mesma lógica: da China se importa os bens, vende-se os mesmos em outras terras e, finalmente, é para lá que o dinheiro multiplicado retorna, seja através de investimentos materiais e financeiros, ou até mesmo no custeio da educação superior dos filhos em universidades chinesas. Hoje, no mundo, existem centenas de milhares de famílias ultramar. A economia da diáspora é gigantesca, porém incalculável (até por seus níveis de informalidade). Ela fortalece o mercado externo chinês e, assim, constitui-se alicerces fiéis daquilo que se anuncia uma potência mundial.

O mercado movimentando pelos imigrantes (e que os impulsionou para fora da China) – de pequenos bens *made in China* – oscilando entre caminhos legais e ilegais conforme diferentes estatutos internacionais, invade fronteiras nacionais no mundo todo e é combatido ferozmente, especialmente no tocante às falsificações. Esse sistema comercial

de dimensões planetárias tem, entretanto, uma face escorregadia e fluída, pois é calcado na lógica das *guanxi*: em favores, lealdade, pactos pessoais. Se a fiscalização apertada de um lado, como está acontecendo em Ciudad del Este, haverá sempre contatos noutra parte para que possibilite um novo processo migratório.

Assim, em virtude da conjuntura das ações governamentais brasileiras de combate a pirataria e contrabando, muitos imigrantes estão fechando suas lojas e reordenando suas vidas. Esse comércio, entretanto, não vai acabar, apenas se deslocar. O que isso vai ocasionar em termos de transformações sociais e urbanas no mundo todo ainda é uma questão em aberto. Sabemos apenas que estamos diante de uma nova onda diáspora chinesa, que, apesar de toda a antiguidade desse processo, ocorre hoje em velocidade, intensidade e proporções inéditas.

Foz do Iguaçu, agosto de 2006.

Referências bibliográficas

- CHAN, KWOK BUN. 1995. *Stepping out. The making of Chinese entrepreneurs*. Singapore: Prentice Hall.
- _____. (Ed). 2000. *Chinese business networks. State, Economy and Culture*. Singapore: Prentice Hall.
- CHAO, P. 1983. *Chinese Kinship*. London, Boston and Melbourne: P. Kegan.
- CH'NG D. 1993. "The overseas Chinese entrepreneurs in Asia: background business practices and international networks". Committee for Economic Development of Australia.
- DELAUNE, FLORENCE. 1998. *Entreprises Familiales Chinoises em Malaisie*. Villeneuve D'ascq, Presse Univeritaire du Septentrion.
- FANG, C. and DEWEN, W. 2003. "Migration As Marketization: What can We Learn from China's 2000 Census Data?" *China Review* 2: 73-93.
- FEATHERSTONE, MIKE. 1999. *Cultura Global*. Petrópolis: Editora Vozes.

- FREEDMAN, MAURICE. 1967. "Immigrants and Associations. Chinese in Nineteenth-century Singapore". In: *Immigrants and Associations*. pp. 17-48. Edited by L. Fallers. Paris: Mouton.
- GERNET, JACQUES. 1972. *Le monde chinois*. Paris: A. Colin.
- GRANET, MARCEL. 2004. *O Pensamento Chinês*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- HANNERZ, ULF 1999. "Cosmopolitas e locais na cultura global". In: M. Featherstone. *Cultura Global*. Petrópolis: Editora Vozes.
- INDA, JONATHAN and ROSALDO, RENATO. (ed). 2002. *The Anthropology of Globalization: A Reader*. Malden, MA: Blackwell Publishers
- JARDIM, DENISE. 2000. *Palestinos no Extremo Sul: identidade étnica e os mecanismos sociais de produção de etnicidade/Chuí-RS*. Thesis of Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- LIN, JAN CHIEN-CHEN. 1992. "Changing Patterns of Chinese Labor and capital Flow to US". *Revue Européenne des Migrations Internationales (The Chinese Diaspora in Western Countries)* 3: 73-90.
- LIVE, YU-SION. 1992. "The evolution of the urban presence and of economical activities of the Chinese in Paris". *Revue Européenne des Migrations Internationales (The Chinese Diaspora in Western Countries)* 3: 155-174.
- MacGAFFEY, J. BANZEGUISSA-GANGA, R. 2002. *Congo-Paris. Transnational traders on the margins of the law*. Oxford: James Currey.
- MARCUS, GEORGE. 1995. "Ethnography in/of the World System: The emergency of Multi-Sited ethnography". *Annual Review of Anthropology* 24: 95-117.
- MUNG, EMMANUEL MA. 2000. *La diáspora chinoise géographie d'une migration*. Paris: GéOphrys.
- NAIM, MOISES. 2006. *Ilícito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- ONG, AIWA. 1999. *Flexible Citizenship*. Durham & London: Duke University Press.
- OUYANG, JUNYI. 2002. "Differences culturais autor du terme 'ponctualité'". In: *Entreprises et vie quotidienne em Chine*. Edited by L. Zheng and D. Desjeux. pp. 55-64. Paris: L'Harmattan.
- PINHEIRO-MACHADO, ROSANA. 2006. *Transnational networks of Chinese economy*. Paper presented in Migrations between East and West. Xiamen, China.

- RABOSSI, FERNANDO. 2006. *São ou não são? Essa não é a questão. Re-enfocando a presença árabe em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este*. Unpublished paper.
- RATH, JAN. 2006. *The force of regularization in the land of the free*. Paper presented in Migrations between East and West. Xiamen, China.
- RIBEIRO, GUSTAVO LINS. 2003. "Cosmopolíticas". *Postimperialismo, Cultura y Política en el mundo contemporáneo*. pp. 17-35. Barcelona: Gesida editorial.
- _____. 2006. "Other Globalizations. Alter-Native Transnational Processes and Agents". *Série Antropologia*, N. 389. Universidade de Brasília.
- SAHLINS, MARSHALL. 1997. "O Pessimismo Sentimental e a Experiência Etnográfica: Por que a cultura não é um objeto em via de extinção?" *Mana* 3: 103-150.
- _____. 2004. "Cosmologias do Capitalismo. O setor transpacífico do sistema mundial". In: *Cultura na Prática*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- SMITH, ANTHONY D. 1999, "Para uma cultura Global?". In *Cultura global*. Edited by M. Featherstone, pp. 183-206. Petrópolis: Vozes.
- TROLLIET, PIERRE. 2000. *La diaspora chinoise*. Paris: Puf.
- WALDINGER, ROGER. TSENG, YENFEN. 1992. "Divergente Diasporas: the Chinese Communities of New York and Los Angeles compared". *Revue Européenne des Migrations Internationales (The Chinese Diaspora in Western Countries)* 3: 91-116.
- WALLERSTEIN, IMMANUEL. "A cultura como um campo de batalha ideológico do sistema mundial". In *Cultura global*. Edited by M. Featherstone, pp. 41-68. Petrópolis: Vozes.
- WOLF, ERIC. 1982. *Europe and People Without History*. Berkeley (California): University California Press.
- YAN, YUNXIANG. 1996. *The flow of Gifts*. Sanford: Stanford Univ. Press.
- YANG, MAYAIR MEI-HUI. 1994. *Gifts, favors & banquets*. London: Cornell Univ. Press.
- ZHENG, L. DESJEUX, D. (ed). 2002. *Entreprises et vie quotidienne en Chine*. Paris: L'Harmattan.